Prólogo

7 de setembro de 2008, domingo, 17h42

Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego Kyrillos, que significa «plena autoridade». No meu entender, algo só pode ter plena autoridade se for humano. Digo isso porque a única Cyrille que tive oportunidade de conhecer nesses vinte anos de vida é uma casa. Cyrille's House, na verdade. Um nome atípico, não só pela tosca combinação francês-inglês, mas também por sua localização abaixo da linha do Equador, em pleno Sudeste brasileiro.

Felizmente, tudo fica mais claro quando se conhece a dona do lugar: Maria Clara, ou Marie Claire, como prefere ser chamada. Só o fato de ela preferir atender por um nome de revista em vez de usar o original já revela que ela não era lá muito normal. Mas, como todos os pirados com mais de sete dígitos na conta, Maria era considerada apenas moderna. A mansão de nome gringo era só mais um reflexo da sua personalidade peculiar.

Não sou capaz de lembrar a primeira vez que entrei em Cyrille's House. Eu tinha oito meses, e meu universo se resumia a papinha, gugu dadá e berço. Minha mãe sempre fora grande amiga da Maria e compartilhava com ela aquele estilo high society *de encarar um país subdesenvolvido: casas com nome de gente, carros blindados e babás devidamente robotizadas e uniformizadas para cuidar dos filhotes.*

Naquela época, a casa não era tão importante para mim. Eu corria pelos corredores perseguido por uma infeliz que ganhava um salário mínimo. Depois, chorava porque

queria brincar no parquinho, e então chorava porque tinha brigado com Zak. Acho que minha infância pode ser resumida em choro. Não de tristeza, mas de pirraça. Eu chorava e conseguia o que queria. Era feliz daquele jeito.

Só a partir dos três anos a arquitetura do lugar começou a fazer sentido para mim, como um mapa se formando em minha mente infantil. A grande porteira de ferro já gasta. O caminho de terra até o casarão. O parquinho com balanços e gangorra onde eu me divertia com Zak. O tímido jardim na entrada, fazendo frente à convidativa varanda. E, na parte de dentro, uma infinidade de quartos, banheiros, cozinhas, salões… Daria para vinte famílias morarem ali. Mas não, Cyrille's House era apenas a casa de campo para a família Vasconcellos receber os amigos nas férias de julho.

A história toda parecia até conto de fadas: era uma vez uma Maria Clara, vinda de família pobre, filha de dois nordestinos. Ela conhece o empresário Getúlio Vasconcellos enquanto arruma o quarto dele no hotel. Eles se apaixonam e, dois meses depois, casam. Maria Clara se torna Marie Claire. E logo nasce o herdeiro, Zak. Um nome inquestionavelmente estrangeiro para espantar da mente dos curiosos as origens da genitora. Pronto, hora de serem felizes para sempre.

Cyrille's House. Marie Claire. Zak. Não fosse o fato de viverem se borrando de medo de sequestro, seriam a perfeita família plastificada de Beverly Hills. Não tenho dúvidas de que Maria seria muito mais feliz assim. Remoía-se por viver na terra do Carnaval, do futebol e da caipirinha…

É interessante perceber como o tempo passa. Aos nove, eu e Zak curtíamos soltar pipa, jogar videogame, bater uma bola no campo dos fundos. Com os anos, Zak se tornou o exemplo perfeito de filhinho de papai criado na zona sul carioca: malhado, com roupa de marca, carro do ano (uma Hilux prata de dar inveja), garanhão entre as meninas na faculdade. Já eu… Virei o nerd do grupo, que gosta de escrever, curte cinema nacional e acha Machado de Assis um gênio da literatura brasileira. O estranho é que continuamos amigos. Não importa quanto o destino cisme em romper o tênue fio que nos une, os laços da infância não se desfazem.

Hoje é a primeira vez que pisaremos em Cyrille's House sem nossos pais. Também não poderia ser diferente. Não estamos indo para brincar no balanço ou nadar na piscina enquanto nossas mães conversam sobre a última moda em Paris. Dessa vez, vamos por algo muito mais sério. Nós decidimos nos matar.

1.

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI DE CARVALHO
CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0506-08
ENCONTRADO EM 10/9/2008, NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO, 12ª DP, COPACABANA

5 de junho de 2008, quinta-feira

— Para a semana que vem, senhores, um relatório crítico sobre *Vigiar e punir* do Foucault. Baseado nos princípios que vimos nesta semana. Podem se dividir em grupos de quatro ou de cinco.

Às vezes me questiono onde eu estava com a cabeça quando escolhi estudar direito. Existem tantas coisas mais legais para se fazer da vida: cinema, artes cênicas, letras…

— E, antes que perguntem, vale nota, sim.

Gosto de filosofia. Mas nunca, nunca mesmo, desejaria ser filósofo. De que adianta gastar minha massa cinzenta pensando e pensando para, no final, me tornar tema de trabalho de faculdade e merecer uns cinco ou seis «relatórios críticos» sobre minha obra? Não, não. Muito obrigado.

Prefiro ganhar a vida como funcionário público: ter estabilidade, bom salário e outras mil vantagens que minha mãe não me deixa esquecer.

— Alê, você conhece esse aí?

Como eu estava guardando o caderno na mochila, não vi quem era o «esse aí» a quem Zak se referia. Diante da minha expressão de ignorância, ele se deu ao trabalho de apontar mais uma vez para o quadro-negro:

TRABALHO FOUCOLT PARA 12/6

— Conhece?

Deus do céu, como alguém pode chegar ao quarto período de uma faculdade de direito sem saber quem foi Michel Foucault?! Mas Zak conseguiu essa proeza, então é possível. Ele ajeitou a manga direita para dar espaço aos seus músculos e ficou me olhando enquanto aguardava uma resposta.

— Conheço — respondi.

No fundo, bem lá no fundo, ele nem era tão culpado. O velho professor, com todos os seus mestrados e doutorados, tinha sido imbecil o bastante para escrever Foucault errado. Ignorante por ignorante, pelo menos Zak era meu amigo.

— Bora fazer junto então.

Concordei com a cabeça. Existe um acordo implícito entre nós. Zak me ajuda com as garotas e eu o ajudo com os trabalhos da faculdade. Isso, sim, é que é justiça!

A sala já se esvaziava. Sempre sou um dos últimos a sair. O zíper da mochila não ajuda muito.

— Posso fazer com vocês?

A garota que fez a pergunta tem cabelos ruivos entrelaçados estilo anos 1970, rosto fino, pele branca e olhos claros. Vestia um blusão bege e uma calça preta comprida o suficiente para cobrir o All Star vermelho. Sentava lá no fundo da sala e raras vezes arriscava alguma pergunta. Eu sabia seu nome pela chamada, que alguns professores ainda tinham a paciência de fazer: Rita Antunes Peixoto, Ritinha para

os mais chegados. Não era o meu caso. Tampouco o do Zak. Mas fora a ele que ela tinha se dirigido.

— Pode — Zak respondeu, sem desviar o olhar de mim. Na verdade, a mensagem que seu sorriso me passou foi: «Essa ainda não comi, mas vou comer.» E isso não era novidade.

O agradecimento da garota também foi murcho. Desde o início, ela sabia que seria aceita. Provavelmente nunca tinha levado um «não» ao longo dos seus dezoito ou dezenove anos de vida.

— Vamos fazer hoje, lá em casa… Certo, Alê? — Ele virou para mim, esperando uma anuência. Conseguiu. Zak estava mesmo com pressa de conhecer os dotes da Ritinha…

Ela concordou desleixadamente com a cabeça. Afinal, qual era o problema de se meter numa casa desconhecida com dois caras para fazer um trabalho sobre Foucault? Nenhum.

— Quinta, dia 12, é meu aniversário… — comentou ela, prendendo os cabelos cor de fogo. — Essa merda de trabalho é um belo presente de aniversário…

Ela riu, esperando que compartilhássemos de sua piadinha. Ficamos em silêncio.

— Quem vai ser a quarta pessoa? — perguntei, no auge da minha inocência.

— Pode ser eu?

A voz masculina veio de trás de mim. Era grave, agitada e um tanto fanha. Eu não precisava me virar para saber de quem se tratava. Na aula, o infeliz fazia uma pergunta inútil por minuto. O sorriso amarelo no rosto do Zak expressou toda a receptividade que ele teria em nosso grupo. Três homens e uma mulher? Não daria certo.

— Pode, sim, Noel — aceitou Ritinha, como se a brincadeira toda fosse acontecer no apartamento dela.

Noel foi a primeira pessoa que conheci na faculdade. Naquele desespero patético de colecionar amigos como se colecionam figurinhas, logo na primeira semana eu já o considerava um companheiro de anos. No trote, fui idiota o suficiente para tentar defendê-lo de uma situação ridícula na qual acabei me dando mal. É a vida… Dois ou três

meses foram suficientes para Noel mostrar que não era boa companhia: as garotas fugiam dele. Então eu fugi também.

As sardas, os pequenos óculos escorregando pelo nariz pontudo, o cabelo cacheado caindo de modo irritante sobre a testa… Ele era asqueroso.

— Pode — concordou Zak, com toda a secura que foi capaz de expressar.

Viagens de carro, mesmo que curtas, costumam ser constrangedoras, porque o fato de um não poder olhar para a cara do outro sempre trava a conversa. Inicialmente se fala sobre o tempo, depois sobre o campeonato de futebol, mas logo, logo fica evidente que o melhor mesmo é ligar o rádio e esperar chegar ao destino. Como só éramos eu e Zak na Hilux, a conversa até que rendeu.

— Tenho pena dele, coitado — Zak disse.

Eu também tinha. Olhando pelo retrovisor e o vendo logo atrás, seguindo-nos em seu fusquinha azul com Ritinha no assento do carona, esse sentimento crescia dentro de mim. Não só porque a imagem lembrava uma baratinha seguindo um elefante, mas também porque meu bisavô tinha um fusquinha da mesma cor.

— Ele deve ser virgem.

— Viu o jogo do Fluzão ontem? — Zak perguntou, mudando de assunto, com o olhar fixo no trânsito à frente.

— Você sabe que não gosto de futebol.

— Cinema?

— Tô sem saco para falar disso.

Silêncio.

— Tá. Acabou o assunto — ele disse.

— É. Liga o rádio.

Duas do Caetano, uma da Elza Soares e chegamos ao prédio dele.

Entrar pela primeira vez no apartamento do Zak faz você acreditar que mora em uma caixinha de fósforos. Como já fui lá umas duzentas vezes, a sensação deprimente já está se dissipando. Ainda assim, sempre levo uns biscoitinhos no bolso para o caso de me perder por uma semana naquele labirinto de concreto.

A grande vantagem de morar num apartamento como aquele é possuir uma sala com eco. Um puta eco. Além de, claro, valorizar o dono diante dos olhos femininos. Zak sabia aproveitar muito bem essa bênção imobiliária.

— Uau!

— Uau! — É essa a interjeição que define a extensão da sala do apartamento. Saída da boca da Ritinha, então, parecia até poesia.

Os quadros muito sóbrios e alguns almofadões dão ao ambiente um estilo moderno e ao mesmo tempo descontraído. A mesa escura, sobre um tapete chique, completa o ambiente pensado por algum decorador famoso especialmente contratado.

— Cadê seus pais? — Noel perguntou.

Nesse caso, a pergunta era plausível. Era bem possível que eles estivessem a quilômetros dali, conversando na cozinha.

— Viajando.

Para variar, pensei em completar, mas me mantive calado e puxei uma cadeira. Não sei o porquê, mas a imagem do fusquinha azul veio à minha mente. Pelo peso, podia apostar que aquela cadeira tinha sido mais cara que o fusca. Madeira maciça.

Imaginei como Noel devia estar se sentindo. Um bosta, é claro. Se ele fosse religioso, tenho certeza de que acabara de perder toda a fé no Santíssimo. Como poderia haver justiça naquilo tudo? Fusca versus Hilux. Caixinha de fósforo versus aquela sala!

Deus é um cara muito sagaz, mas seu senso de justiça falhou quando criou Zak e Noel. Todos sabiam que Noel era doido para namorar a Ritinha. Todos também sabiam que ele nunca ia conseguir. E nós quatro sabíamos que ela estava doida pelo Zak. Pelo olhar dela, percebi que só não tirava a roupa e fazia o serviço ali mesmo porque o asqueroso do Noel estava presente.

Eu sabia que ele ia atrapalhar tudo…

— Posso sentar? — ela perguntou.

— Uhum.

Se Ritinha estava procurando um cavalheiro, era melhor caçar em outra freguesia. Zak não estava nem aí se ela ficaria de pé, sentada ou pendurada no lustre de cristal.

Enquanto todos se acomodavam, retirei da mochila meu exemplar de *Vigiar e punir*, comprado por dez reais num sebo do centro.

— Você já leu isso tudo? — Noel perguntou, coçando o nariz, o que acentuava sua voz nasalada.

— Li.

— Alguém mais leu? — indagou novamente, temendo ser o único a não ter sequer folheado o livro, mas encontrou conforto nos outros dois. Eu era o único que sabia do que tratava o livro.

— É pra fazer o que mesmo? — Zak perguntou, retirando os tênis e colocando os pés com meia sobre a mesa. Ele ficou recostado na cadeira como um marajá.

— Um relatório crítico. Seja lá o que isso signifique — Ritinha disse.

— Parece chato — sentenciou meu amigo, brincando com o lápis entre os dedos compridos. — Mudando de assunto… Sábado vou numa rave. Topam?

— Nem rola — explicou Ritinha, dobrando as pernas e exibindo suas lindas coxas como em uma vitrine. — Por causa do meu aniversário, uns parentes do Sul chegam amanhã pra me ver. Vão passar a semana. Tias velhas, primos chatos…

— Vai ter festa? — tentou Zak.

— Nada.

— E você, Alê? Que tal rave no sábado?

Minha negativa foi expressa e silenciosa. Eu? Numa rave? Onde já se viu?

— Ah, Alê, vai uma galera legal — Zak argumentou. — Você deveria ir…

Decidi nem responder. Negar, nessas horas, é a pior opção.

— Eu talvez tope — Noel disse, com naturalidade. Aquele era só mais um motivo para eu não ir.

Pelo silêncio que se seguiu, achei que era melhor tentar começar o trabalho. Eu sabia que logo seria interrompido por algum assunto idiota, mas não custava nada tentar.

— Foucault escreve sobre o sistema penal. Segundo ele, ocorreram transformações em nível europeu e mundial no fim do século XVIII e início…

— Esse cara ainda está vivo? — interrompeu Noel, brincando com a espiral do caderno. Como não estávamos na sala de aula, pensei em lhe dizer que não toleraria suas perguntas idiotas. Mas só estiquei pacientemente a contracapa do livro na direção dele com a biografia do «cara».

— Lê alto, curioso — eu disse.

Noel pareceu não se importar com o «curioso», até porque era mesmo.

— *Michel Foucault, quando morreu de aids aos cinquenta e sete anos…*

Ele tirou os olhos do livro e olhou para mim com um sorriso irônico.

— Continue.

— O cara morreu de aids. Devia ser veado.

— Ele era gay, sim — respondi, pedindo o livro de volta.

Mas Noel continuou a leitura em voz alta:

— *Em sua casa, as pressões para que o menino se «endireitasse» deviam ser intoleráveis. Pouco antes de morrer, o filósofo contou que, quando pequeno, seu pai o levou a uma das salas de cirurgia a fim de que ele «se fizesse homem». A vida então se tornou uma tortura: até os vinte e poucos anos, Foucault tentou várias vezes o suicídio. Sua afeição pelo álcool nasceu nessa época.*

— É… O cara era pirado mesmo — Zak disse.

— Era melhor se tivesse conseguido se matar — defendeu Noel, buscando nossa aprovação a seu comentário patético. — Pelo menos não teríamos um relatório crítico para fazer.

Sem paciência, tomei o livro de suas mãos. Ele voltou a brincar infantilmente com a espiral do caderno. Zak e Ritinha já tinham, havia muito, entrado num transe sensual: lançavam olhares, trocavam sorrisos e, por debaixo da mesa, encostavam as pernas. Eu antevia a hora em que empurrariam os papéis para o chão e fariam tudo ali mesmo.

— Falando em suicídio… Vocês viram a notícia que saiu no jornal? — indagou Noel, decidido a fazer tudo menos a porra do trabalho da faculdade.

— Da roleta-russa? — Ritinha perguntou, parando com o chamego e demonstrando certo interesse no assunto.

É impressionante a atração humana pela desgraça alheia. É legal ver o Fulaninho casar e a Beltraninha ter filhos, mas a notícia vende muito mais se o Fulaninho mata a Beltraninha e depois comete suicídio.

Essa notícia tinha sido capa dos jornais na última semana. Um infeliz encontrou a arma do pai sobre o armário e propôs a brincadeira a três amigos. O revólver estava carregado, com só uma bala faltando no tambor. Todos aceitaram. Resultado: três mortos e um babaca preso.

— Macabro, né?

— É… — Ritinha respondeu.

— Coisa de americano — Zak disse.

— Os caras eram franceses — Noel discordou.

— Eram americanos! — ela confirmou.

— Eram franceses. Eu li no jornal!

— Os caras morreram em Boston!

— Eu não sei onde morreram. Sei que eram franceses!

Adoro esse tipo de discussão: a força argumentativa de sua tese é medida pelo vigor com que você a pronuncia… «Franceses!», «Americanos», «Franceses!!!»

— Então eram franceses que decidiram se matar nos Estados Unidos — concluiu Ritinha, apaziguando os ânimos.

— Tenho os jornais com a reportagem lá no quarto — Zak disse. — Vou buscar pra esclarecer isso. Bora comigo, Ritinha?

Pronto. Aquela era a deixa do casalzinho para a sacanagem.

Desistindo da discussão, Noel voltou a brincar com a espiral. Parecia se divertir tanto fazendo um barulhinho irritante ao deslizar o dedo sobre ela que nem sequer percebeu o que acontecia.

Esticando a mão para o anfitrião, Ritinha sumiu pelos corredores. Aproveitei para tentar organizar mentalmente o relatório crítico. Na verdade, desde que o professor o propusera, eu já tinha uma ideia formada na cabeça. Era só colocar no papel.

Com o som do mar batendo suavemente na areia lá fora, iniciei um esboço. Depois, numa revisão de quinze minutos, corrigi algumas partes e cheguei a uma versão final.

— Ei, cadê eles?

Saindo do estado apático, Noel percebeu a ausência da sua musa inspiradora.

— Estão no quarto. O Zak foi buscar os jornais com a reportagem da roleta-russa.

Há quarenta minutos, pensei em acrescentar. Mas ele poderia suspeitar, e eu queria evitar constrangimentos desnecessários.

Discrição é para poucos. Mesmo que eu quisesse manter Noel na inocência, os decibéis dos gemidos da Ritinha não ajudavam muito. Ganhando caminho nos corredores e ecoando pela sala, reverberou uma longa sequência de «ohs», «ahs» e «uis», que se misturava ao som do mar de Ipanema ao longe.

— Eles estão… — Noel não completou a frase. Fechou o rosto, meio indignado, meio irritado. Então, levantou bruscamente para ir embora.

Não sou vidente e não jogo tarô, mas tudo terminou exatamente como eu havia previsto: Zak e Ritinha trepando, Noel saindo puto e eu fazendo sozinho a porra do trabalho sobre Foucault.

2.

DOS REGISTROS DE ÁUDIO
CASO CYRILLE'S HOUSE
REALIZADO EM 9/10/2009, NA SALA DE REUNIÕES DA CHEFIA DA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
RESPONSÁVEL: DIANA CUSTÓDIO GUIMARÃES
DURAÇÃO: 6H23MIN41

(*chiado*)

DIANA: Nove de outubro de 2009. Dezesseis horas e trinta e dois minutos. Reunião para esclarecimentos sobre o caso Cyrille's House. Sou a delegada Diana Custódio Guimarães. Esta conversa está sendo gravada. Alguma objeção?

(*som do gravador sendo apoiado em uma superfície*)

DIANA: Ótimo. (*pausa*) Estão presentes Rosa Wallwitz, Sônia Castro de Mendonça, Rebecca Amaral Feitosa, Débora Parentoni de Carvalho, Amélia da Silva Guanabara, Olívia Azambuja e Vânia Antunes Peixoto. Mães das vítimas do incidente ocorrido em 7 de setembro de 2008. Nenhuma falta. Esta reunião tem duração prevista de quatro horas. Algum comentário ou objeção?

(*ranger de cadeiras*)

(*silêncio — três segundos*)

DIANA: Antes de tudo, devo dizer que lamento a perda que sofreram. (*pausa*) Acreditando que, depois de um ano, essa dor já tenha arrefecido, esta reunião foi marcada.

REBECCA (*com voz levemente chorosa*): Não arrefeceu. Você não sabe o que é perder uma filha…

DIANA: Em parceria com a Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, a Chefia da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro realiza esta reunião. Hoje, temos por objetivo buscar esclarecimentos acerca dos fatos ocorridos em 7 de setembro do ano passado. Como se sabe, nove jovens se reuniram na casa de campo Cyrille's House, em Minas Gerais, com o objetivo de realizar a chamada roleta-russa. Nesse «jogo», uma única bala é introduzida aleatoriamente em uma das câmaras do revólver. Depois, o tambor é girado e fechado. Então, é formada uma roda e cada participante atira na própria cabeça sem saber se…

OLÍVIA (*com a voz ríspida*): Chega dessa palhaçada. Todo mundo aqui sabe o que é roleta-russa.

REBECCA: Claro que sim.

SÔNIA: O que não entendo é como eles fizeram isso… Como podem ter morrido na mesma roleta-russa? Normalmente só morre uma pessoa, não?

DIANA: As regras da roleta-russa deles foram um pouco diferentes. Vou explicar isso em breve. Vocês vão entender tudo.

SÔNIA: Está bem.

DIANA: Como vocês sabem, o episódio terminou de forma violenta e um tanto quanto… misteriosa. (*pausa*) Os corpos foram encontrados pelos ex-policiais militares Jurandir Coelho Sá e Plínio Motta. (*pausa*) Acreditando que uma reavaliação dos fatos traria luz ao caso, estamos aqui hoje. Decidimos convocar apenas as mães, porque percebemos que as vítimas tinham mais contato com as senhoras do que com os pais, principalmente nos casos envolvendo divórcio.

OLÍVIA (com a *voz ríspida e depois chorosa*): Fomos exaustivamente interrogadas esse tempo todo. Não sei o que mais vocês querem sugar de nós.

DIANA: Estamos em busca da verdade, Olívia.

OLÍVIA: Também quero a verdade, mas já disse tudo o que sei. Não tenho nada a esconder.

DIANA: Decidimos considerar novas perspectivas. (*farfalhar de papéis*) Durante todo esse tempo, guardamos um trunfo que poderia ser a chave para entender como tudo aconteceu. (*agitação*) Isso nos ajudou bastante, mas não tanto quanto esperávamos. Talvez, se compartilharmos o material com vocês, possamos chegar a resultados satisfatórios…

SÔNIA: Do que você está falando? Trunfo? Não estou entendendo nada!

(*ranger de cadeiras*)

DIANA: Na época do incidente, nossas bases investigativas foram os interrogatórios com os pais e amigos, as evidências coletadas em Cyrille's House, os resultados da perícia e, como vocês sabem, as anotações de Alessandro Parentoni de Carvalho num caderno encontrado em sua residência, em Copacabana, três dias após a tragédia.

SÔNIA: A gente nunca teve acesso a esse caderno. O que tinha nele?

DIANA: Era uma espécie de diário datado em que o Alessandro registrava sua rotina. Ali, encontramos alguns dados úteis sobre as relações entre as vítimas e também informações sobre o processo de preparação e convocação de amigos para a roleta-russa.

OLÍVIA: Mas essas anotações do diário não serviram para nada… Foi o que vocês disseram na época! (*com a voz ríspida*) O que tem de novo aí?

DIANA: Isto.

(*farfalhar de papéis*)

SÔNIA: Outro caderno?

DIANA: Sim. Também escrito pelo Alessandro. Um livro, na verdade. Encontrado no local onde tudo aconteceu. Em Cyrille's House.

DÉBORA: Outro caderno… do meu filho?

DIANA: É o que ele mesmo chamou de sua «grande cartada». Um livro que ele começou a escrever quando estava indo para lá, narrando todos os acontecimentos da roleta-russa quase em tempo real. Não é muito grande, mas esclarece alguns pontos. Não tudo, porque o livro para quando ele… (*pausa*) Quando ele morre.

DÉBORA: Meu filho… (*choro*)

DIANA: O Alessandro não foi o último a morrer. (*pausa*) No intervalo entre sua morte e o instante em que os corpos foram encontrados

— cerca de cento e cinquenta minutos —, algo aconteceu. Algo que deixou os corpos naquele estado inexplicável…

(*silêncio — quatro segundos*)

DÉBORA: Meu filho sonhava em ser escritor. Chegou a escrever dois livros, mas as editoras recusaram. Ele disse… (*choro*) Ele dizia que um dia escreveria um livro que todos iam querer ler, mesmo que ele tivesse que morrer por isso…

DIANA: O Alessandro conta detalhadamente a maioria das coisas que aconteceram na casa. Em alguns momentos, o relato é bastante forte. (*pausa*) Se as senhoras se sentirem mal, não deixem de me avisar. (*pausa*) Vou ler o livro todo para vocês. Por favor, digam qualquer coisa que passar pela cabeça das senhoras. Mesmo aquele detalhe que parece irrelevante. Tudo pode ajudar a chegar a uma resposta. Certo?

DÉBORA: Ele só podia estar falando nisso… Quando me contou que seria um escritor famoso mesmo que tivesse que morrer por isso… Só podia estar… (*choro*)

DIANA: É bem possível que tenha sido esse o motivo dele para aceitar participar da roleta-russa. (*pausa*) Os motivos de outros jovens também ficam um pouco mais claros com a leitura. Mas não de todos. Espero que vocês consigam nos ajudar nesse sentido também. (*pausa*) Posso começar a ler?

OLÍVIA: Pode.

DIANA: Então vamos lá. «*Prólogo. Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego Kyrillos, que significa "plena autoridade"…*»